

PROCESSO DE INTERAÇÃO ESCOLAR E FAMILIAR DA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA: OLHARES PERCEBIDOS PELAS MÃES

Karina Pessoa de Queiroz¹
Alessandra Miranda Mendes Soares²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os fatores que contribuem para o processo de interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar, a partir da percepção das mães, com base em uma revisão sistemática. Sua abordagem é de caráter qualitativo, seu campo de investigação corresponde a vinte e seis estudos obtidos das plataformas de pesquisa: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Revista Educação Especial em Debate e a Revista Educação Especial, tendo como delimitação temporal, os últimos dez anos (2014-2024). Como método para análise dos dados, utilizou-se a Teoria Fundamentada nos Dados – TFD (Strauss; Corbin, 2008). Os resultados apresentaram, como fatores contribuintes para a interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar, a intersetorialidade e as práticas pedagógicas inclusivas, o que demanda qualificação adequada dos profissionais da educação. Como fatores desafiadores para tal processo, destacaram-se o desconhecimento das leis e do “como cuidar” da criança com TEA, impulsionado pela falta de oralidade da mesma, o que demanda o uso das Tecnologias Assistivas – TAs e Comunicação Alternativa - CA. Evidenciou-se a pouca participação das mães enquanto sujeitos das pesquisas analisadas, salientando questões concernentes à desigualdade de gênero e invisibilidade da mulher-mãe de crianças autistas. Assim, conclui-se apontando a necessidade de novos estudos que considerem as vivências das mães de crianças com TEA, para que sua realidade seja apresentada na literatura e novas estratégias sejam desenvolvidas no sentido de colaborar com as mesmas.

Palavras-chave: Interação escolar. Criança autista. Percepção das mães.

ABSTRACT

This study aims to analyze the factors contributing to the interaction process of Brazilian children with Autism Spectrum Disorder (ASD) within school and family environments, from the perspective of mothers, based on a systematic review. The research approach is qualitative, and the scope of investigation includes twenty-six studies obtained from the following research platforms: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da CAPES, Google Scholar, Revista Educação Especial em Debate, and Revista Educação Especial, with a temporal delimitation of the last ten years (2014-2024). The method used for data analysis was the Grounded Theory (Strauss; Corbin, 2008). The results identified

¹ Discente do curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado – AEE, pelo Núcleo de Educação à Distância da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - NEaD/UFERSA. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

² Professora adjunta do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido, campus Angicos-RN. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, linha Estudos Culturais, em cotutela com a Universidade de Barcelona, Espanha (2018). Mestre em Educação, linha Estudos Culturais, pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos (2004). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (2002).

intersectorality and inclusive pedagogical practices as contributing factors to the interaction of children with ASD in school and family environments, which highlights the need for proper qualification of education professionals. As challenging factors for this process, the study pointed out the lack of knowledge regarding laws and how to care for children with ASD, exacerbated by their lack of verbal communication, which necessitates the use of Assistive Technologies and Alternative Communication. The study also highlighted the limited participation of mothers as subjects in the analyzed research, raising issues related to gender inequality and the invisibility of women-mothers of autistic children. Thus, this research concludes by emphasizing the need for further studies that consider the experiences of mothers of children with ASD, so that their realities are represented in the literature, and new strategies can be developed to support them.

Keywords: School interaction. Autistic child. Mothers' perception.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista – TEA consiste em uma alteração neurodesenvolvimental que afeta as três seguintes áreas: 1) relacionamento social/socialização, 2) comunicação e 3) comportamento social. Esse transtorno é de causa multifatorial, visto que pode ser ocasionado pela junção de fatores genéticos e ambientais. Sua incidência é maior em crianças do sexo masculino e seus tipos podem variar de moderado para casos mais graves (Santos; Teixeira; Bringel, 2023).

No Brasil, além de dispositivos legais como a Constituição Brasileira (Brasil, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (Brasil, 1996), a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), que legitimam ações voltadas para a inclusão escolar de Pessoas com Deficiência – PCD, na rede regular de ensino, há, também, a Lei Nº. 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, que garante, em seu Artigo 3º, o acesso do indivíduo com transtorno do espectro autista, à educação e ao ensino profissionalizante, prevendo, em parágrafo único, o direito a acompanhante especializado, nas classes comuns de ensino regular, em caso de comprovação da necessidade (Brasil, 2012).

O espaço escolar é essencial para que tanto os alunos sem quanto os com algum tipo de deficiência vivenciem um processo mais intenso de aprendizagens e interações, o que irá contribuir significativamente para o seu desenvolvimento enquanto sujeito. Nesse sentido, a teoria sociointeracionista de Lev Vygotsky defende que as trocas de influências oportunizadas entre o organismo e o meio “possibilitam mudanças sobre o indivíduo, portanto, nesse prisma, as crianças vão construindo seus conhecimentos mediante a suas interações com o mundo físico e social” (Matos; Matos, 2020).

Quando nos referimos a crianças com TEA, a interação dessas necessita de mais apoio, quando comparadas com as crianças não acometidas por esse transtorno. Papim (2020, p.23) explica que a capacidade da criança com TEA relacionar-se socialmente contrapõe-se à considerada regular, por “apresentar a tendência para um tipo de interesse distinto das demais crianças de mesma faixa etária, preocupando-se instintivamente em interagir apenas dentro de sua zona de interesse.” Nesse sentido, a criança com TEA precisa de intervenções que lhe possibilite relacionar-se, comunicar-se e interagir com o grupo no qual está inserido, sendo a escola, depois do ambiente familiar, o espaço mais adequado para tal.

Para garantir que os direitos dessas crianças sejam assegurados e as mesmas sejam incluídas na rede regular de ensino, com a seguridade de um currículo flexível e adequado às suas necessidades, bem como, com a viabilidade da interação que, entre outras coisas, contribui com a construção de aprendizagens mais significativas no contexto escolar, as mães de crianças com TEA dedicam-se integralmente, construindo “uma identidade que se dá na relação entre a deficiência de seus filhos e filhas e os padrões de normalidade instituídos social e culturalmente para eles/as” (Soares, 2018, p.53). A inserção dessas crianças na escola regular indica a probabilidade de uma vida o mais dentro da normalidade possível, com a possibilidade de socialização, interação, além do desenvolvimento intelectual delas.

Com base nesses apontamentos, este estudo busca responder à seguinte questão de partida: quais os principais avanços e desafios vivenciados pela criança com TEA no ambiente escolar e familiar, a partir da percepção da mãe?

No intuito de responder a tal questão, definimos o seguinte objetivo geral: Analisar os fatores que contribuem para o processo de interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar a partir da percepção das mães, com base em uma revisão sistemática. Para o alcance deste, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- a) Indicar se a criança com TEA conseguiu ou não evoluções no âmbito da interação, a partir da sua inserção do ambiente escolar, de acordo com a percepção da mãe;
- b) Relacionar os fatores que favorecem e os que limitam o processo de interação da criança com TEA com base em uma revisão sistemática.

O interesse em estudar a referida temática se deu após cursar a disciplina de “Transtornos do Espectro Autista e Altas Habilidades/Superdotação”, no curso de Especialização em Atendimento Educacional Especializado – NEAD/UFERSA, quando me deparei com uma diversidade de informações e características do TEA, como, por exemplo, a interferência voltada para as interações sociais, o que acaba afetando o desenvolvimento integral da criança, tanto no que concerne à aprendizagem, quanto nas relações emocionais e

sociais. Desse modo, discutir sobre interação social, é discutir, diretamente, sobre desenvolvimento do indivíduo. Já a intencionalidade de incluir as mães de crianças com TEA no estudo se justifica pelo fato de sempre presenciar o esforço destas em busca da efetivação dos direitos dos seus filhos, dentre eles, o direito de ser devidamente incluído em todos os espaços, inclusive, no ambiente escolar.

Corroborando com essa premissa, Soares (2018) afirma que a responsabilidade com a educação e o cuidado dos filhos e filhas com deficiência é atribuída exclusivamente às mães, que assumem, inclusive, o lugar dos mesmos na resolução de questões do dia a dia. Desse modo, estas mulheres, como bem destacou a referida pesquisadora, invisibilizadas socialmente, conhecem, mais do que ninguém, os processos os quais seus filhos vivenciam, sejam eles de tratamento, de escolarização, de interação social e, conseqüentemente, os avanços e desafios apresentados em cada uma dessas etapas, pois, entendemos que as mães sentem mais intensamente a alegria pela conquista do filho com o transtorno, como também, a tristeza e até mesmo a revolta quando estes sofrem algum tipo de preconceito ou involução.

Neste sentido, o presente trabalho organiza-se em quatro tópicos, além desta introdução, sendo eles: procedimentos metodológicos, em que será abordado o caminho que será percorrido para a elucidação do objeto em questão. Em seguida, traremos o percurso da revisão sistemática, em que será detalhado o trajeto percorrido para o levantamento dos dados do estudo. Posteriormente, será abordada a interação da criança com TEA: desafios e possibilidades, em que apresentamos as categorias emergidas por meio da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), acompanhados das considerações finais e referências bibliográficas utilizadas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo trata-se de uma abordagem qualitativa, o que, segundo Minayo (1994, p.21), corresponde a “um nível de realidade que não pode ser quantificado”, ainda que não se oponha à pesquisa de caráter quantitativo, já que ambas se complementam. Para esta autora,

Os autores que seguem tal corrente, não se preocupam em quantificar, mas, sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (Minayo, 1994, p.24).

A pesquisa qualitativa se faz extremamente relevante na atualidade devido ao dinamismo social vivenciado, visto que, apenas quantitativamente, não seria possível expressar a diversidade de significados.

Este trabalho corresponde a uma revisão sistemática que, segundo Sampaio e Mancini (2006, p.84), consiste em “uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema”. Nela, são compiladas informações acerca de um grupo de estudos realizados individualmente sobre determinada área, evidenciando resultados que podem ser coincidentes ou contrários. Suas principais vantagens consistem em salientar temáticas que precisam de evidência e orientar pesquisas futuras.

Nosso campo de investigação é composto por vinte e seis estudos que versam sobre a interação escolar de crianças autistas, a partir da experiência das mães, encontrados em plataformas de pesquisa, sendo elas: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos da CAPES, o Google Acadêmico, a Revista Educação Especial em Debate, como também a Revista Educação Especial, de Santa Maria, tendo, como delimitação temporal, os últimos dez anos (2014-2024).

Como método para análise dos dados, utilizou-se a Teoria Fundamentada nos Dados, de Strauss e Corbin (2008) que, segundo Mairink *et al.* (2021, p.2), permite “a construção de uma teoria fundamentada, que surge dos dados de sua pesquisa”. Para o sucesso e fidedignidade do método, alguns passos precisam ser seguidos, como: 1) o ajuste da teoria à realidade; 2) a criação de uma teoria compreensível e que faça sentido aos estudiosos da área pesquisada; 3) a generalização teórica que permita a aplicabilidade da teoria a outros contextos e, 4) a provisão de controle, pois, “as hipóteses que propõem relações entre conceitos podem ser usadas para guiar ações posteriores” (Ibidem, p.7). Este método permite tanto a produção quanto o aprimoramento dos conhecimentos, contribuindo, assim, com a qualidade das pesquisas científicas desenvolvidas nas mais diversas áreas.

3 PERCURSO DA REVISÃO SISTEMÁTICA

O percurso de uma revisão sistemática foge da linearidade. Por muitas vezes, é necessário ir e voltar, reformular, repensar, redirecionar. Há casos em que os estudos apresentam um título condizente com o objeto de pesquisa, mas o conteúdo abordado difere. Outras vezes, são os descritores que não abrangem a temática de forma satisfatória, necessitando, então, de reformulação. Nesse sentido, descreveremos, aqui, o detalhamento da pesquisa realizada.

Já com a definição do objetivo do estudo, os primeiros descritores foram definidos, sendo eles: “interação escolar”, “criança com TEA” e “mães”. As plataformas selecionadas, de início, foram: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Portal de Periódicos da CAPES, Revista Educação Especial e Revista Brasileira de Educação Especial em Debate, o que se justifica pela abrangência delas no campo de pesquisas educacionais.

As primeiras explorações foram realizadas no dia 02 de maio de 2024, quando, com os descritores utilizados, não se obteve nenhum resultado. Com isso, os descritores precisaram ser modificados para: “interação escolar”, “criança autista” e “família”. Então, foram encontrados na 29 trabalhos BDTD, sendo 6 deles repetidos; no Portal de Periódicos da CAPES, foram encontrados 7 e nas Revistas Educação Especial e Educação Especial em Debate não se obteve nenhum resultado. Com isso, mais uma vez, os descritores foram mudados e, no dia 06 de maio, a busca foi realizada com “interação escolar” e “autista”, nas mesmas plataformas supracitadas, onde foram encontrados 158 trabalhos na BDTD, 10 no Portal de Periódicos da CAPES, 4 na Revista Brasileira de Educação Especial em Debate e nenhum na Revista Educação Especial.

Posteriormente, devido à ausência de um descritor que abrangesse a experiência das mães e/ou familiares, os descritores foram novamente modificados para: “interação escolar”, “autista” e “família”, assim como também foram inseridas mais duas plataformas de pesquisa, a Revista Educação Especial (REE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e o Google Acadêmico, com delimitação de apenas uma página de trabalhos. Na primeira plataforma investigada (BDTD), foram elencados trinta e sete trabalhos, no Portal de Periódicos da CAPES foram oito, na REE de Santa Maria, cinco, no Google Acadêmico (apenas a primeira página), surgiram dez resultados, na Revista Educação Especial não houve nenhum resultado e na Revista Educação Especial em Debate elencou-se um resultado.

Em seguida, foi feita a leitura dos títulos das pesquisas, em que grande parte dos trabalhos foi descartado por não convergirem com a temática investigada. Assim, na BDTD sobraram 18, no Portal da CAPES, os mesmos 8, na REE – UFSM restaram 3, no Google Acadêmico, 5 e, na Revista Educação Especial em Debate, permaneceu o único resultado encontrado. A partir disso, foi feita a leitura dos resumos, introdução e conclusão dos trabalhos, quando houve ainda mais redução na quantidade selecionada. Dessa forma, finalizamos com onze trabalhos da BDTD, seis da CAPES, cinco do Google Acadêmico, três da Revista Educação Especial – UFSM e um da Revista Educação Especial em Debate, conforme apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1 - relação dos trabalhos analisados.

Nº 01	Título: A construção de um novo script: o processo de adaptação de famílias de crianças com transtorno do espectro autista.	Autor: Alcântara (2021)
	Achados: Todas as narrativas evocaram a relação da mulher com a multiplicidade de papéis exercidos no cotidiano.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público- alvo: 7 mães e 1 pai, com pelo menos um filho com faixa etária de até 4 e 10 anos de idade	Região: Sudeste
Nº 02	Título: Alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista: representações do professor.	Autor: Lima (2019)
	Achados: A importância do outro como mediador, defendido por Vygotsky, durante todo o processo de aprendizagem do indivíduo.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público- alvo: Professores de escolas da rede pública e privada, de salas de aula regulares, que tivessem experiência na alfabetização de crianças com TEA.	Região: Nordeste
Nº 03	Título: Brincar, crescer e desenvolver: a brincadeira nos contextos familiar, escolar e terapêutico de crianças autistas	Autor: Reis (2019)
	Achados: Os autistas podem desenvolver habilidades para a atividade lúdica, mas isto dependerá do meio sociocultural e experiências variadas.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público- alvo: 13 atores sociais do ambiente familiar, escolar e terapêutico de 3 crianças autistas.	Região: Norte
Nº 04	Título: Relações entre família e escola: a parceria colaborativa no apoio à escolarização de alunos com autismo.	Autor: Bittencourt (2021)
	Achados: Necessidade de criação de redes de apoio para as famílias das crianças e adolescentes com autismo.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público-alvo: Oito professoras e cinco pais de crianças com autismo.	Região: Sul
Nº 05	Título: A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental I: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita.	Autor: Omena (2021)
	Achados: A importância em considerar os interesses e preferências educacionais dos filhos/alunos, para que as atividades pedagógicas, implementadas pelas professoras, possam ser adaptadas.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público- alvo: Alunos na idade entre seis e sete anos.	Região: Sudeste
Nº 06	Título: A influência da pandemia pela COVID-19 em pacientes com Transtorno do Espectro Autista.	Autor: Fraga (2022)
	Achados: Necessidade de criação de redes de apoio para as famílias das crianças e adolescentes com autismo.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público- alvo: 45 responsáveis por crianças e adolescentes com TEA	Região: Sudeste
Nº 07	Título: Estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na escola: desafios para a ação educativa compartilhada.	Autor: Barbosa (2018)
	Achados: A importância PEI como norteador do processo de ensino-aprendizagem das crianças com TEA.	Natureza do trabalho: Tese
	Público- alvo: Professora do AEE, professora da sala de aula comum, coordenadora pedagógica, profissional de apoio escolar, diretora e vice-diretora escolar.	Região: Sudeste
Nº 08	Título: Ações, relações e sentidos produzidos pela comunidade escolar sobre o processo de inclusão da criança com TEA.	Autor: Bastos (2019)
	Achados: As atividades interativas potencializam a aprendizagem e a inclusão.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público-alvo: Equipe escolar, pais e familiares e educandos.	Região: Sudeste
Nº 09	Título: Escolarização da criança com TEA a partir do uso do alfabeto móvel organizado.	Autor: Paiva (2019)

	Achados: O Alfabeto Móvel Organizado - AMO constitui-se como um ótimo recurso para aplicação de adaptações/adequações curriculares no tocante à linguagem escrita, ao processo de letramento, de alfabetização e de inclusão escolar.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público-alvo: Três turmas de Etapa II que tinham inseridas crianças diagnosticadas com TEA.	Região: Sudeste
Nº 10	Título: Atividade física e barreiras em crianças com autismo de Pelotas.	Autor: Krüger (2015)
	Achados: A dificuldade nas questões sociais se configura como uma das barreiras para a prática regular de atividades físicas.	Natureza do trabalho: Dissertação
	Público-alvo: 73 crianças com autismo, com idades entre quatro e 10 anos, residentes na cidade de Pelotas-RS.	Região: Sul
Nº 11	Título: Interação escola-família no processo de ensino de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em tempos de pandemia.	Autor: Dalla Vecchia (2022)
	Achados: A interação social no contexto escolar não ultrapassa apenas o contexto da sala de aula, mas está em todos os lugares desse ambiente.	Natureza do trabalho: Tese
	Público-alvo: Três professoras regentes de turma, uma professora da sala de recurso multifuncional e três famílias de crianças com TEA.	Região: Sul
Nº 12	Título: Interações sociais no contexto escolar de crianças com necessidades educacionais especiais.	Autor: Nogueira <i>et al.</i> (2023)
	Achados: O decreto Nº 10.502, de 30 de setembro de 2020, cria possibilidades que permitem e fundamentam o retorno de escolas especiais, estabelecendo lacunas que devem ser observadas e pesquisadas pela comunidade científica.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Cinco professoras do Ensino Fundamental I e II.	Região: Sudeste
Nº 13	Título: Identificação e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) nos primeiros anos escolares: uma revisão de literatura.	Autor: Santos, Teixeira e Bringel (2023)
	Achados: O comprometimento nas diferentes áreas, ocasionado pelo TEA, resulta em sérias limitações nas habilidades de linguagem, comunicação e relações sociais, agravando o desenvolvimento da aprendizagem escolar.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Revisão bibliográfica.	Região: Nordeste
Nº 14	Título: A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano.	Autor: Fernandes, Santos e Morato (2018)
	Achados: Para além de uma abordagem técnica específica, a Terapia Ocupacional tem atuado no Brasil, junto à população com TEA, no sentido de favorecer o seu desenvolvimento, autonomia e inclusão social.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Uma criança de cinco anos, com diagnóstico de TEA, seu responsável e uma estagiária de Terapia Ocupacional que os atendiam.	Região: Sudeste
Nº 15	Título: Intervenção implementada pelos pais e empoderamento parental no transtorno do espectro autista.	Autor: Oliveira, Shmidt e Pandeza (2020)
	Achados: As intervenções com crianças com autismo que são implementadas pelos seus pais contribuem, inclusive, com o empoderamento parental.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Uma família composta por pai e mãe e seu filho com autismo.	Região: Sul
Nº 16	Título: Tecnologias assistivas e coping familiar para a inclusão escolar da criança com autismo.	Autor: Caminha <i>et al.</i> (2015)

	Achados: Os sistemas educacionais estão em processo de transformação e refletem uma nova visão do direito à educação que começa a transpor a concepção tradicional de ensino.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Crianças autistas e suas famílias inscritas, voluntariamente, no projeto ADACA.	Região: Sudeste
Nº 17	Título: Inclusão de criança com autismo em sala de aula.	Autor: Nunes e Alves (2022)
	Achados: A participação da família torna mais fluente a circulação de informações sobre o aluno nas trocas entre pais, professores e gestores.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Revisão bibliográfica.	Região: Nordeste
Nº 18	Título: Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo.	Autor: Vargas e Shmidt (2017)
	Achados: A participação da família torna mais fluente a circulação de informações sobre o aluno nas trocas entre pais, professores e gestores.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Revisão bibliográfica.	Região: Sul
Nº 19	Título: A relação família e escola no processo de escolarização do aluno autista.	Autor: Silva (2016)
	Achados: No cotidiano escolar é perceptível que a presença do aluno fica condicionada a presença do professor auxiliar, e na ausência, a família acaba por assumir essa função.	Natureza do trabalho: Monografia
	Público-alvo: A família, a professora auxiliar de uma criança com TEA, bem como a gestão escolar.	Região: Sul
Nº 20	Título: O papel da família durante o processo de inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.	Autor: Santos <i>et al.</i> (2022)
	Achados: A escola e a família constituem-se pilares essenciais para o desenvolvimento humano.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Revisão Integrativa constituída por 06 artigos.	Região: Nordeste
Nº 21	Título: Relação família-escola-criança com transtorno do espectro autista: percepção de pais e professoras.	Autor: Cabral, Falcke e Marin (2021)
	Achados: Para fomenta processos de ensino e de aprendizagem e a socialização das crianças com TEA faz-se importante desenvolver programas com equipes multidisciplinares que trabalhem na construção de grupos de apoio, instrumentos e outros recursos que considerem a singularidade de cada criança e suas limitações.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Mães, pais e professores de quatro crianças com TEA.	Região: Sul
Nº 22	Título: O olhar da família e da escola para a criança com Transtorno do Espectro Autista – TEA.	Autor: Santos <i>et al.</i> (2020)
	Achados: A criança com TEA sofre discriminação por parte dos colegas, em função das características do transtorno.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Pesquisa exploratória com base em estudos de autores nacionais e estrangeiros.	Região: Centro-Oeste
Nº 23	Título: Uso do aplicativo SpeeCH como tecnologia assistiva para uma criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso.	Autor: Costa <i>et al.</i> (2023)
	Achados: As TA's podem ser incluídas na educação como mediadores dos processos educativos de ensino e aprendizagem, visando uma inclusão e construção de uma autonomia de sujeitos que tenham algum tipo de deficiência.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Um sujeito em idade pré-escolar diagnosticado com TEA.	Região: Sul
Nº 24	Título: Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista: singularidades do desenvolvimento psicossocial.	Autor:

		Saad, Bastos e Souza (2020)
	Achados: O incentivo à autonomia não deve ser subestimado pelos pais, pois configura-se um importante pilar na construção da identidade.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: 26 pais e/ou responsáveis de adolescentes institucionalizados em entidade específica.	Região: Sul
Nº 25	Título: Explorando a dinâmica familiar de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma análise dos eventos cotidianos e experiências maternas.	Autor: Saad e Bastos (2024)
	Achados: O incentivo à autonomia não deve ser subestimado pelos pais, pois configura-se um importante pilar na construção da identidade.	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Mães de crianças com até dez anos, atendidas em um Centro de Atenção Psicossocial em Campo Grande/MS.	Região: Centro-Oeste
Nº 26	Título: O papel do professor na inclusão de alunos com autismo na educação infantil: uma análise dos desafios e das possibilidades.	Autor: Saad e Bastos (2024)
	Achados: A inclusão do aluno com deficiência, especialmente com TEA, torna-se factível a partir de um trabalho colaborativo e, que quanto mais precocemente realizarem-se as intervenções pedagógicas necessárias, maior será o potencial de aprendizado e desenvolvimento do aluno	Natureza do trabalho: Artigo
	Público-alvo: Revisão bibliográfica.	Região: Sudeste

Fonte: Elaborado pela autora mediante dados dos estudos analisados (2024).

Tomando como parâmetro os objetivos indicados neste trabalho, bem como o método de análise dos dados, a Teoria Fundamentada nos Dados, foi possível identificar a emergência de algumas categorias de análise, considerando as contribuições e os desafios para a interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar, das quais trataremos no tópico de análise dos dados.

4 INTERAÇÃO ESCOLAR E FAMILIAR DE CRIANÇAS COM TEA

As interações sociais, segundo Vygotsky (1987), são responsáveis por ocasionar e condicionar as aprendizagens. Este é um processo essencial para que o indivíduo se integre ao seu meio social, construindo aprendizagens significativas à sua convivência em comunidade. É importante que as relações sejam construídas tanto com adultos, como com crianças da mesma faixa etária.

Logo nos primeiros anos de vida, é fundamental que a criança tenha contato com os mais variados ambientes, brincadeiras, jogos e atividades que lhe permitam formar sua personalidade, compreender as regras essenciais para o convívio social, construir sua autonomia, entre outras habilidades. Nesse sentido, Alves (2017) aponta dois tipos de interação: a interação criança-criança e a interação adulto-criança. O primeiro tipo explicita que, através

da interação que as crianças estabelecem umas com as outras, elas aprendem mais sobre si e sobre os outros, conseguindo ampliar sua visão de mundo. Já a relação adulto-criança é o que formará sua identidade, visto que o adulto é um modelo para ela. Assim, ele deve conduzi-las nas atividades, incentivando-as a acreditar que são capazes de desenvolver as mais diversas tarefas, construindo, desse modo, uma relação de confiança e segurança entre ambos.

Alves (2017, p.7) aborda ainda a importância do desenvolvimento das competências sociais, ou seja, da capacidade de relacionar-se de forma positiva, o que “é fundamental para o saudável desenvolvimento das crianças enquanto seres sociais, de forma que consigam conviver democraticamente com os que a rodeiam”. É a partir da promoção/evolução dessas competências que se constituem comportamentos cognitivos e emocionais, capazes de contribuir com a adaptação do indivíduo ao seu contexto social e todas as complexidades que lhes envolvem.

A depender das relações as quais está condicionado, o sujeito disporá de características apropriadas para agir em sociedade, podendo intervir na realidade a qual está inserido, seja de forma positiva ou negativa. Quanto mais oportunidade de acesso a criança tiver, mais ampliará seu repertório cultural e desenvolvimento de habilidades diversas. Nesse sentido, é importante que a família contribua desde muito cedo com a interação familiar da criança, pois, quando ela cresce em um ambiente sem afetividade, diálogo e bons exemplos, certamente terá suas competências sociais prejudicadas.

Saad e Bastos (2024) destacam que as configurações da dinâmica familiar das crianças com TEA, muitas vezes, se mostram abaladas ou dificultadas devido ao comportamento que estas apresentam, como: dificuldades na comunicação e reciprocidade social, estereotípias, dificuldades na compreensão e expressão de emoções, sono irregular, entre outras questões. Quando a criança com TEA não consegue se comunicar bem oralmente, esse processo pode se comprometer ainda mais, já que ela apresentará maiores dificuldades em expressar o que está sentindo/querendo.

É importante destacar que o ser humano somente constituir-se-á enquanto sujeito a partir das interações que estabelece com os demais (Nogueira *et al.*, 2022). Isso precisa ser estimulado desde cedo, dentro do contexto familiar, para então, se expandir, pois, como bem apontou Vygotsky (1989), é a partir do contato com o outro que a criança desenvolve o conceito de “internalização”, ou seja, é mediante o processo de interação que ela vai formando sua independência para solucionar determinados problemas, o que se faz extremamente relevante, visto que uma das principais dificuldades das pessoas com algum tipo de transtorno ou deficiência é o desenvolvimento da autonomia.

Além de um ambiente familiar que proporcione o máximo de interação entre as crianças com TEA e seu contexto, a escola se apresenta como fundamental neste processo, como destacou Garton (1992 *apud* Nogueira *et al.* 2022, p.224):

[a] escola, é importante para adquirir habilidades comunicativas, levando em conta o suporte do adulto, posto que este contribui para a capacidade da criança, além de se adequar ao seu comportamento comunicativo para obtenção de resposta.

Para que tal processo seja significativo, é preciso que os profissionais tenham a qualificação adequada para desenvolver as práticas pedagógicas devidas para esse público, o que se apresenta como um desafio, visto que muitos deles “ainda permanecem sem uma formação inicial adequada e tampouco é ofertada uma formação continuada, com o objetivo de qualificá-los para o convívio e permanência destes no âmbito escolar” (Paula; Peixoto, 2019). Estes autores afirmam:

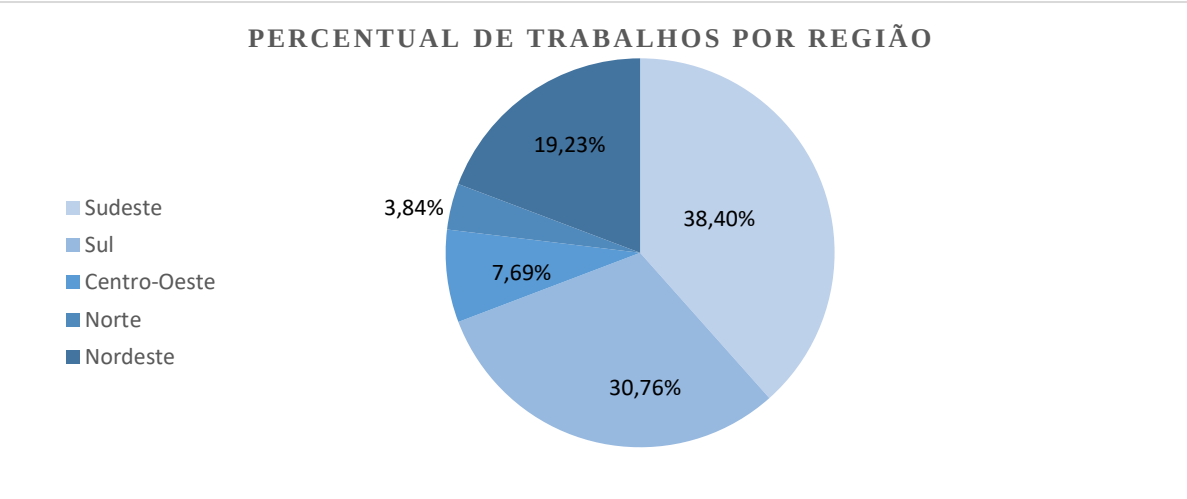
Percebe-se que os professores têm dificuldades de inserir um aluno autista em sala de aula, ou seja, eles não estão preparados para lidar com a inclusão escolar de alunos com autismo, pois não tiveram uma formação desde o nível básico, quanto ao nível mais complexo contínuo. Os professores veem a necessidade de formações complementares para que possam realizar a inclusão destes, explicitando que são úteis e válidos no processo de seu próprio desenvolvimento (Paula; Peixoto, 2019, p.43).

Nesse sentido, entende-se como fundamental a busca constante pelo aprimoramento profissional, investindo em uma formação inicial e continuada dos docentes que possibilite a realização de práticas eficazes, significativas e capazes de construir novas habilidades, como, por exemplo, estimular a aquisição da leitura e escrita dos estudantes. O aluno precisa aprender a utilizar os conhecimentos que estão sendo socializados, qual a sua aplicabilidade no seu dia a dia, para que ele passe a fazer sentido e, a partir daí, o conhecimento se corporifica, haja vista que “o processo de aprendizagem ocorre mediante ações cotidianas, partilhadas nas relações sociais e nas relações de ensino” (Barbosa, 2018, p.31), a partir de uma mediação que possibilite a construção de um percurso de aprendizagem significativo.

5 INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM TEA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Mediante o exposto no quadro 1: relação dos trabalhos analisados, algumas informações são evidentes. Uma delas é a pequena quantidade de estudos sobre o tema encontrados na região nordeste, com apenas 19,2% dos trabalhos desenvolvidos. A região que concentra maior percentual é a sudeste, com 38,4% de estudos acerca da temática investigada, conforme demonstra o gráfico a seguir:

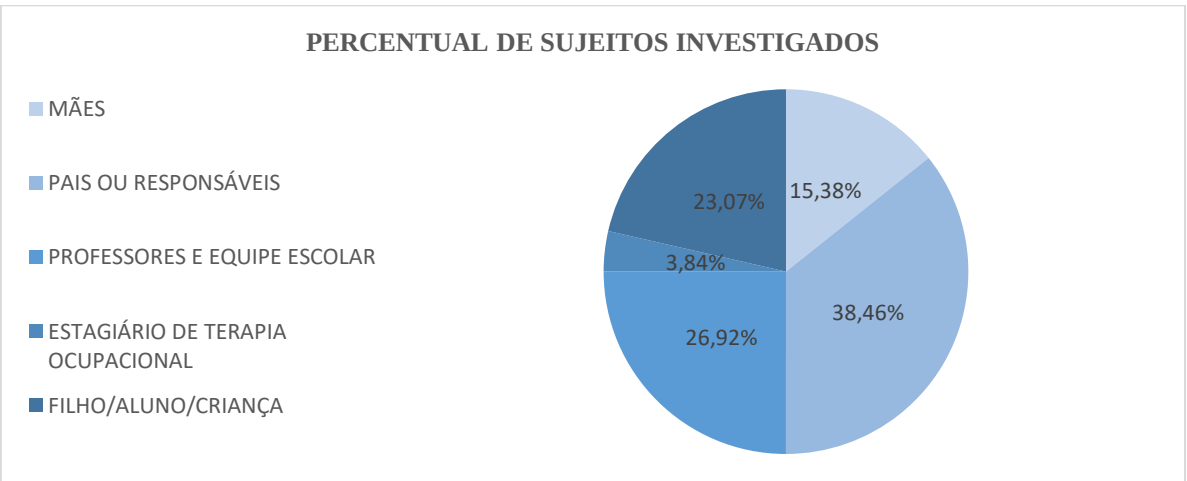
Gráfico 1 - Percentual de trabalhos desenvolvidos por região.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados (2024).

No que tange à natureza dos trabalhos, a maior parte corresponde a artigos, sendo 53,8% do total, acompanhados de 34,6% de dissertações. Além disso, é ínfima e intrigante a pequena parcela de estudos que tem como sujeitos de pesquisa as mães de crianças com TEA. A maior parte deles investiga “pais”, “familiares” e “responsáveis”; em seguida, detecta-se um número considerável de estudos com professores e demais sujeitos escolares como atores das investigações. As próprias crianças também aparecem como sujeitos. Já a nomenclatura “mães” apresenta-se em apenas quatro dos vinte e seis trabalhos analisados, conforme demonstrado a seguir:

Gráfico 2 - Percentual de sujeitos investigados.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados (2024).

Apresentaremos, a seguir, as quatro categorias emergidas a partir da Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), no que tange às contribuições e os desafios do processo de interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar, sendo elas: intersetorialidade; práticas pedagógicas inclusivas; desconhecimentos das leis e do “como cuidar” da criança com TEA e falta de oralidade da criança com TEA, sendo as duas primeiras voltadas para as contribuições e as duas últimas para os desafios. Além disso, abordarmos, também, à luz dos autores, os olhares percebidos pelas mães no que concerne à temática.

5.1 Intersectorialidade

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, Lei Nº. 13.146/2015 (Brasil, 2015), já institui como direitos fundamentais desse público o direito à vida, à habilitação e a reabilitação, saúde e educação, moradia e o trabalho, em que estão incutidas as condições de assistência e previdência, cultura, esporte, lazer, turismo, mobilidade, acessibilidade, entre outros direitos. Corroborando com isso, uma categoria emergente da TDF, apontada como fator contributivo no processo de interação da criança com TEA, foi a intersectorialidade, isto é, a articulação entre diferentes setores visando a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento integral da criança com TEA.

Lima (2019, p.112) destaca que uma parceria fortalecida entre profissionais da saúde, educação, família e sociedade “favorece a redução dos comprometimentos do infante com TEA, bem como maximiza o desenvolvimento da aprendizagem, da interação social e da comunicação, como também da alfabetização da criança com TEA inserida na escola”. Ou seja, quando os diferentes setores se unem em prol de um mesmo objetivo, que é o desenvolvimento integral desta criança, ela consegue avançar em todas as áreas. Além disso, a família também é beneficiada, uma vez que será mais bem instruída e apoiada por profissionais de diferentes áreas, o que favorecerá consideravelmente tanto nas relações familiares e na autonomia familiar, quanto na forma de lidar com os comprometimentos derivados do transtorno.

A parceria família-escola tem gerado, também, grandes benefícios, tanto no tocante à interação, quanto no desenvolvimento geral da criança com TEA. Cabral, Falcke e Marin (2021, p.495) apontam que “as dificuldades apresentadas pelos pais e professores frente ao processo de inclusão decorre, muitas vezes, da dificuldade de entendimento das características da criança com TEA”. Dessa forma, esta parceria é fundamental, uma vez que os pais convivem com a criança desde o seu nascimento, conhecendo bem suas características e podendo socializar com os profissionais da educação, o que pode contribuir significativamente com o

desenvolvimento do trabalho pedagógico, já que o professor conhecerá mais profundamente a personalidade e os gostos das crianças, podendo realizar uma intervenção mais direcionada, tanto voltada para a aquisição da aprendizagem escolar, quanto para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e sociais. Ou seja, a busca de estratégias para o desenvolvimento da criança acontecerá de forma conjunta.

É importante destacar que, de acordo com Bittencourt (2021), um elemento fundamental para a efetivação desta parceria é a igualdade nas relações família-escola, o que é dificultado pelas relações hierarquizadas, em que os profissionais da educação têm maior poder sobre os pais. Isso precisa ser revisto, tendo em vista os benefícios desta parceria dos quais se destaca a diminuição do nível de estresse e o aumento na qualidade de vida das famílias, uma vez que elas se sentem mais valorizadas e apoiadas. Desse modo, a efetivação da intersectorialidade é primordial para a continuidade das ações desenvolvidas com a criança. Além disso, uma instituição informando a outra sobre as particularidades, avanços e limitações relacionadas à criança contribuirá com um melhor entendimento acerca do seu desenvolvimento (Santos; Teixeira; Bringel, 2023).

5.2 Práticas pedagógicas inclusivas

Uma outra categoria emergente voltada para a contribuição da interação social da criança com TEA foi a execução de práticas pedagógicas inclusivas, o que envolve a construção do Planejamento Educacional Individualizado (PEI), adequação do currículo, o desenvolvimento de brincadeiras, de atividades lúdicas, o uso de Tecnologias Assistivas (TAs), da Comunicação Alternativa (CA), entre outras ações importantes no cotidiano escolar e familiar.

Bastos (2019, p.19) destaca que “não basta a adequação do espaço para que haja a inclusão, mas também é preciso que se possibilite as devidas adequações dos recursos pedagógicos e a capacitação de pessoal (docentes e gestor)”. É importante se pensar em todos os aspectos para que as vivências do aluno com deficiência sejam realizadas com o mínimo de barreiras possível; assim, a adequação do currículo, de materiais didáticos, de espaços físicos e de ações pedagógicas de forma geral é fundamental.

As práticas pedagógicas inclusivas estimulam tanto a aprendizagem escolar quanto a capacidade de adaptação e interação da criança com o meio social. Para tanto, é necessário que o professor conheça o aluno, suas limitações e/ou potencialidades, o que ocorrerá através da parceria com a família e pela observação que ele fará em sala de aula. Neste sentido, como

bem destacaram Santos, Teixeira e Bringel (2023), estes profissionais precisam receber qualificação adequada para entender as características do transtorno e desenvolver práticas pedagógicas eficazes a partir de uma postura adequada diante dos comportamentos desafiadores das crianças com TEA, como também, promovendo a comunicação e interação social delas.

Mediante uma formação apropriada, o foco do docente será a inclusão do aluno e não a rotulação deste em virtude do seu diagnóstico. Por isso, como destacaram Santos, Teixeira e Bringel (2023), o olhar do educador é essencial para a desconstrução dos rótulos sociais que estigmatizam e promovem práticas excludentes, uma vez que, por mais que o educando precise ser considerado e trabalhado dentro de suas especificidades, a inclusão escolar é essencial para a sua construção enquanto sujeito. Todos os alunos precisam ter seu direito a uma educação de qualidade garantido, com o desenvolvimento de práticas que promovam a inclusão.

5.3 Desconhecimento das leis e do “como cuidar” da criança com TEA

Ao se deparar com o diagnóstico do TEA, a família passa por vários estágios até chegar na aceitação da condição do filho/a. Reis (2019) destaca seis sentimentos vivenciados pelas famílias: primeiro, a autora destaca o estado de choque, que vem acompanhado de choro e desejo de fuga da situação; depois, sofrem com a negação, ou seja, a descrença do fato; posteriormente a isso, vem a tristeza e a ansiedade, acompanhadas de choro e raiva; em seguida, vivenciam o equilíbrio, que ocasiona a aceitação da existência do transtorno, até se reorganizarem, reintegrarem-se e reconhecerem esse filho com suas especificidades. É um momento de extrema instabilidade, haja vista que a projeção do filho “perfeito” começa a se desfazer, principalmente quando muitos dos pais não tiveram a oportunidade de realizar algum sonho particular e passam a desferi-lo sobre seus/suas filhos/as.

Tais sentimentos vivenciados pelas famílias são, em sua maioria, ocasionados pelo desconhecimento do que seja o autismo e de tudo o que sua criança tem direito, mediante os dispositivos legais, como a própria Constituição Federal (Brasil, 1988), a LBI (Brasil, 2015), que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, entre outros. Essas e tantas outras normativas somente garantirão a pessoa com deficiência viver de forma digna em sociedade, ocupando todos os espaços que tencionar, se a família dispuser de conhecimento, pois existe uma linha tênue entre o que está documentado e o que é efetivado. Além do desconhecimento das leis, a família de crianças com TEA sofre com os desafios tocantes aos cuidados com elas, frequentemente, por terem seu comportamento, comunicação e dicção afetados. Desse modo, uma família sem orientação adequada tem dificuldades quanto às suas

ações, o que impacta diretamente na sua qualidade de vida e do seu filho. Portanto, informações amplas acerca do TEA e tudo o que lhe envolve, como causas, consequências, tratamentos e direitos são essenciais para o suporte familiar e para o pleno desenvolvimento da criança.

5.4 Falta de oralidade da criança com TEA

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pela criança com TEA consiste no desenvolvimento da linguagem oral e comunicação, o que limita a sua capacidade de expressar necessidades consideradas básicas, como também de compreender as necessidades do outro. Além de apresentarem, na maioria dos casos, dificuldade no uso de habilidades orais, estas crianças manifestam limitação na comunicação não-verbal, como expressões faciais, gestos físicos e contato visual insuficientes para comunicarem-se. Tal problemática afeta sua interação tanto no ambiente escolar quanto no familiar.

Omena (2021, p.43) indica que “entre aqueles que conseguem falar ou expressar-se, por meio de uma linguagem pouco considerável ou incomum, podem apresentar ecolalia ou exprimir-se de maneira monotemática, o que torna inviável a troca de experiências”. A estudiosa completa o raciocínio afirmando que a falta de oralidade pode afetar a participação da criança com TEA nos jogos, brincadeiras e em diversas atividades que propiciam a interação, dificultando cada vez mais a capacidade de socialização deste sujeito. Nesta perspectiva, o uso da Comunicação Alternativa – CA - é fundamental para a ampliação/ desenvolvimento da comunicação do autista não-oralizado ou com habilidade comunicativa defasada, tendo em vista que a comunicação não ocorre apenas pela via oral.

Como exemplo de CA, tem-se os cartões de comunicação alternativa, que contém símbolos gráficos que representam mensagens. Além destes, há as pranchas de comunicação, que tanto podem ser impressas quanto digitais, e combinam ilustrações com símbolos e palavras escritas que podem representar objetos, cores, números, indicar letras do alfabeto, expressões e ações.³ Além disso, tem-se as Tecnologias Assistivas – TAs, que correspondem à gama de produtos e serviços que contribuem com a promoção das atividades funcionais das pessoas com deficiência, como os softwares leitores de tela, de texto, ampliadores de tela, hardwares com impressoras de braile, lupas, telélupas, auxílios ópticos, lentes e muitos outros, como é o exemplo do aplicativo SpeeCH, desenvolvido por pesquisadores do Instituto Federal de Minas Gerais – Campus Formiga (IFMG – Formiga), no estado de Minas Gerais – MG. Seu objetivo

³ Disponível em: <https://tix.life/comunicacao-alternativa/o-que-e-comunicacao-alternativa/> .

é “estimular o desenvolvimento da fala por meio de imagens e da repetição de palavras (feitas pelo próprio aplicativo). Ele pode ser adquirido nas plataformas de download para sistema Android de forma gratuita” (Costa *et al.*, 2023, p.9). Os resultados do estudo realizado a partir da utilização do referido aplicativo com uma criança com TEA constatarem sua usabilidade e capacidade de promoção da autonomia ao seu usuário, contribuindo diretamente para a sua aprendizagem.

Diante do exposto, fica evidente que o uso da Comunicação Alternativa e das Tecnologias Assistivas tem se apresentado como grandes promotores da autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social das crianças com TEA, haja vista que, mediante o seu uso, estas crianças podem ser incluídas em todas as atividades, junto aos demais colegas, interagindo e socializando com elas.

5.5 Olhares percebidos pelas mães

Uma das constatações deste estudo foi a pouca participação das mães enquanto sujeitos das pesquisas analisadas. Entre os vinte e seis trabalhos explorados, a mãe, enquanto sujeito explícito, apareceu apenas quatro vezes, sendo que dez dos trabalhos investigam experiências familiares. As nomenclaturas geralmente utilizadas para indicar esses sujeitos eram familiares, pais e responsáveis, o que deixa, na literatura, o sujeito “mãe”, invisibilizado, resultado esse que se assemelha ao destacado no estudo de Soares (2018). Neste sentido:

Cabe destacar que os estudos levantados, quando usam o termo “pais”, em geral, referem-se às “mães” (e também usam “filhos”, mesmo quando os sujeitos são filhas), evidenciando, por um lado, que a responsabilidade de cuidar dos/as filhos/as tem sido exercida pelas mães, as quais são invisibilizadas e, por outro, que a linguagem sexista não evidencia as protagonistas do cuidado nem as meninas e mulheres com deficiência (Soares, 2018, p.64).

Este é um fator que confirma que as mães de crianças com deficiência dedicam-se intensamente aos cuidados e busca pela efetivação dos direitos de seus filhos, secundarizando, muitas vezes, sua carreira profissional e vida social durante esse processo, o que é naturalizado socialmente. Os pais, geralmente, seguem suas respectivas carreiras profissionais sem muitas implicações, enquanto as mães, em muitos dos casos, abdicam das suas profissões e saem do mercado de trabalho, o que nos leva a afirmar que se os pais colaborassem mais no cuidado com suas crianças autistas, as mães ficariam menos sobrecarregadas e conseguiriam desenvolver atividades como estudar, trabalhar, socializar e cuidar de si mesmas.

No tocante às pesquisas que apresentam as mães enquanto sujeitos, todas elas (Alcantara, 2021; Oliveira; Shmidt; Pandeza, 2020; Cabral, Falcke; Marin, 2021; Saad; Bastos, 2024) colocam a intersectorialidade como um fator contribuinte para a interação da criança com TEA, o que propicia uma orientação mais eficaz para pais e cuidadores, resultando no melhor conhecimento das leis que favorecem seus filhos e no como cuidar dos mesmos de forma adequada. Nesse sentido, Oliveira, Shmidt e Pandeza (2020) destacam e, ao mesmo tempo, sugerem a criação de grupos de orientação coletiva para pais, mediados por um profissional qualificado, o que contribuiria para a troca de experiências acerca de estratégias utilizadas pelas famílias, como também, haveria orientação sobre a utilização de políticas públicas em larga escala. Ou seja, tanto seria importante para condução no cuidado dos filhos quanto na efetivação de seus direitos.

Saad, Bastos e Souza (2020), estudando o desenvolvimento psicossocial de adolescentes com TEA, também destacaram que uma das melhores estratégias para melhorar o desenvolvimento psicossocial destes consiste no auxílio às famílias, tanto por parte do poder público quanto de instituições especializadas, para que melhor possam gerir os conflitos, estimular a independência e o convívio social de seus filhos. Quando o sujeito com TEA consegue superar-se em questões como socialização e independência, o convívio familiar se torna mais saudável, pois os pais conseguem se comunicar melhor com seus filhos, além de não precisarem auxiliá-los em grande parte de suas atividades cotidianas, podendo, assim, investir mais tempo em si, o que produz uma melhor qualidade de vida.

Alcantara (2021) destaca que, apesar de as especificidades da criança com TEA repercutirem em todo o sistema familiar, são as mães que mais se envolvem com elas, ou seja, a interação destas crianças acontece de forma mais acentuada com suas mães. O estudo desta autora relata, ainda, as mudanças nos papéis ocupacionais vivenciados por essas mães, no intuito de priorizar o cuidado cotidiano do filho, o que gera, na maioria dos casos, frustrações pelo fato de comprometerem suas preferências pessoais. Já entre os pais, não houve mudança significativa nesse sentido, mas o autor supracitado relata a “frequência de necessidades pessoais não atendidas devido as constantes demandas da criança” (Idem, p.50-51).

Ademais, Alcantara (2021) evidencia “a relação da mulher com a multiplicidade de papéis exercidos no cotidiano” (Ibidem, 2021, p.72). Isto é, além de desenvolver suas atividades rotineiras, o cuidado da criança fica concentrado na mulher-mãe, o que está voltado diretamente para questões de gênero, algo estruturalmente posto na sociedade, caracterizando a “subordinação da mulher e dos atributos femininos” (Soares, 2018, p.58). Para esta mesma autora, “as relações de gênero são relações de poder constituídas de polaridades, assimetrias e

hierarquias e marcam os modos de vida, de regulação, de controle, que também instauram formas diversas de resistência” (Ibidem, 2018, p.58).

Nessa perspectiva, apesar de vivenciarem os efeitos da desigualdade de gênero, as mulheres, mães de crianças autistas, têm resistido através de ações como: a busca pelo conhecimento acerca do transtorno e das leis que favorecem seus filhos, participação em grupos de orientação voltados para esse contexto, entre outros procedimentos que tanto fortalecem sua autonomia enquanto mulher e mãe atípica, como também, impulsionam a efetivação dos direitos de seus filhos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho partiu da seguinte questão: “quais os principais avanços e desafios vivenciados pela criança com TEA, no ambiente escolar e familiar, a partir da percepção da mãe?” Para tanto, definimos como objetivo geral: “Analisar os fatores que contribuem para o processo de interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar, a partir da percepção das mães, com base em uma revisão sistemática”. O campo de investigação corresponde a vinte e seis estudos que versam sobre a interação escolar de crianças autistas a partir da experiência das mães, encontrados em plataformas de pesquisa, sendo elas: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Portal de Periódicos da CAPES, o Google Acadêmico, a Revista Educação Especial em Debate, como também a Revista Educação Especial, de Santa Maria, tendo como delimitação temporal, os últimos dez anos (2014-2024).

O método utilizado para a análise dos dados foi a Teoria Fundamentada nos Dados, de Strauss e Corbin (2008), de onde emergiram quatro categorias no que tange às contribuições e os desafios do processo de interação da criança com TEA no ambiente escolar e familiar, sendo elas: intersetorialidade, práticas pedagógicas inclusivas, desconhecimento das leis e do “como cuidar” da criança com TEA e falta de oralidade da criança com TEA, sendo as duas primeiras voltadas para as contribuições e as duas últimas para os desafios. Além disso, abordou-se, à luz dos autores, os olhares percebidos pelas mães no que concerne à temática, bem como alguns dos sentimentos vivenciados pelas mesmas, como a frustração em comprometerem suas preferências pessoais em detrimento do cuidado dos filhos.

Destacou-se que a intersetorialidade, além de favorecer a redução dos comprometimentos da criança com TEA, auxilia no desenvolvimento da aprendizagem, da interação social e da comunicação, como também da alfabetização, além de ser primordial para

a continuidade das ações desenvolvidas com a criança. Já as práticas pedagógicas inclusivas estimulam a aprendizagem escolar e a capacidade de adaptação e interação da criança com o meio social, mas, para que isso aconteça, a formação continuada é fundamental para que os profissionais da educação dominem as práticas necessárias à promoção da inclusão. Essas crianças, em sua maioria, conseguem desenvolver uma melhor interação com o meio a partir da entrada na escola. Todavia, para que isso aconteça, é preciso que as práticas pedagógicas, de fato, favoreçam esse processo.

O desconhecimento das leis e do “como cuidar” da criança com TEA, apontado como um desafio para a interação da criança autista, é resultante da falta de conhecimento acerca deste transtorno e das leis que amparam os indivíduos com TEA por parte das mães, pais e cuidadores, o que impulsiona a dificuldade na busca pelos direitos dos filhos e a desinformação no tocante à forma de cuidar dos mesmos, haja vista as particularidades envolvidas no transtorno, o que demanda orientação adequada. Caso contrário, tanto os filhos serão menos assistidos pelo cuidado adequado dos pais, como os próprios pais e cuidadores sofrerão pela sensação de inabilidade em administrar certos comportamentos dos filhos (Saad; Bastos, 2024).

A falta de oralidade da criança com TEA limita a sua capacidade de expressar necessidades consideradas básicas, como também a de compreender as necessidades do outro, além de afetar sua participação em jogos, brincadeiras e atividades que propiciam a interação, dificultando a possibilidade de socialização deste sujeito. Neste sentido, a utilização da Comunicação Alternativa e das Tecnologias Assistivas ampliarão/desenvolverão a comunicação do autista não-oralizado ou com habilidade comunicativa defasada, proporcionando maior autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social para este.

No que concerne aos olhares percebidos pelas mães, evidencia-se a pouca participação destas enquanto sujeitos das pesquisas analisadas. Entre os vinte e seis trabalhos explorados, a mãe, enquanto sujeito explícito, apareceu apenas quatro vezes e, quando citada, foram sujeitos únicos em apenas uma das pesquisas. Nas demais, estavam sempre acompanhadas de familiares, pais e responsáveis, nomenclaturas também utilizadas para referenciá-las, o que aponta para a desigualdade de gênero, quando, além dos papéis exercidos cotidianamente, o cuidado das crianças com TEA fica voltado para estas e, mesmo assim, são invisibilizadas, o que reforça a importância de novos estudos que considerem as vivências das mães de criança com TEA para que sua realidade seja apresentada na literatura e, consequentemente, sejam desenvolvidas estratégias no sentido de colaborar com as mesmas.

Como um fator contribuinte para a interação da criança com TEA, todos os estudos realizados com mães de crianças autistas destacaram a intersetorialidade como um fator

contribuinte para a interação de seus filhos, o que propicia uma orientação mais eficaz para pais e cuidadores, resultando no melhor conhecimento das leis que favorecem seus filhos e no “como cuidar dos mesmos” de forma mais adequada.

Diante dos apontamentos realizados, destaca-se a relevância deste estudo no tocante à elucidação de questões voltadas para o processo de interação de crianças com TEA no ambiente escolar e familiar a partir do olhar das mães, com base em uma revisão sistemática, o que coloca, como perspectiva de estudos futuros, a referida investigação voltada apenas para o sujeito mãe, para que suas vivências tenham cada vez mais validação e destaque no campo científico.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Pollyanne Maria de Lima. **A construção de um novo script: o processo de adaptação de famílias de crianças com transtorno do espectro autista**. Minas Gerais, 2021.

ALVES, Carolina Martins Pereira. **A experiência subjetiva de indivíduos que possuem irmãos com deficiência**. Uberaba, MG, 2018.

ALVES, Mônica Alexandra Dias. **A Importância Das Interações Sociais No Desenvolvimento Das Competências Sociais**. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.26/21858> . Acesso em 25 jun. 2024.

BARBOSA, Marily Oliveira. **Estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na escola: desafios para a ação educativa compartilhada**. São Paulo, 2018.

BASTOS, Marise Bartolozzi. Escrita e alfabetização de crianças com autismo. **DIVERSA**, 13 de abril de 2018. Disponível em: <https://diversa.org.br/artigos/escrita-alfabetizacao-criancas-com-autismo/>. Acesso em: 6 ago. 2024.

BASTOS, Rosangela Porfírio. **Ações, relações e sentidos produzidos pela comunidade escolar sobre o processo de inclusão da criança com TEA**. Manaus/AM, 2019.

BITTENCOURT, Daniele Francisca Campos Denardin de. **Relações entre família e escola: a parceria colaborativa no apoio à escolarização de alunos com autismo**. Santa Maria/RS, 2021.

BRASIL, **Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em 12 ago. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 12 ago. 2024.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

FERNANDES, Amanda Dourado Souza Akahosi, *et al.* A criança com transtorno do espectro autista (TEA): um estudo de caso da intervenção da Terapia Ocupacional a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, vol. 29, nº 2, dezembro de 2018, p. 187–94. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v29i2p187-194>. Acesso em: 6 ago. 2024.

FRAGA, Beatriz de Lima Barros. **A influência da pandemia pela COVID-19 em pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. Niterói/RJ, 2022.

KRÜGER, Gabriele Radünz. **Atividade física: níveis e barreiras em crianças com autismo de Pelotas**. Pelotas/RS, 2015.

LIMA, Nara Raquel Cavalcanti. **Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista: representações do professor**. Recife/PE, 2019.

MAIRINK, Ana Paula Alonso Reis, *et al.* O uso da metodologia qualitativa da Teoria Fundamentada nos Dados na pesquisa em enfermagem. **Escola Anna Nery**, vol. 25, nº 3, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2020-0494>. Acesso em: 6 ago. 2024.

MATOS, Helen Carla Santos; MATOS, Leidiana Santos. A Teoria Sociointeracionista De Lev Vigotski Para Aprendizagem Infantil: Enfoque Sobre O Brincar No Desenvolvimento Cognitivo Da Criança. **Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**, [s. l.], v. XIV, n. 11, set. 2020 19823657. DOI: <https://doi.org/1029380>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NOGUEIRA, Faria Iasmin, *et al.* Interações Sociais No Contexto Escolar De Crianças Com Necessidades Educacionais Especiais. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 7, n. 14, p. 219-238, 31 out. 2023.

OLIVEIRA, Jéssica Jaíne Marques de, *et al.* “Intervenção Implementada Pelos Pais E Empoderamento Parental No Transtorno Do Espectro Autista”. **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 24, outubro de 2020, p. e218432. *SciELO*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020218432>. Acesso em: 6 ago. 2024.

OMENA, Leise Cecília de. **A inclusão de alunos com transtorno do espectro autista (TEA) nos anos iniciais do ensino fundamental I: possibilidades e práticas para aprendizagem da linguagem oral e escrita**. Assis/SP, 2021.

PAIVA, Maria Aparecida Ferreira de; SANTOS, Andréa Rizzo dos. Utilização do alfabeto móvel organizado por crianças com TEA: Percepções de profissionais. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 72, p. 181–196, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/63168>. Acesso em: 6 ago. 2024.

PAPIM, Ângelo Antônio Puzipe. **Autismo e aprendizagem**. Editora Fi. Disponível em: <https://www.editorafi.org/801autismo>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PAULA, Jessyca Brennand; PEIXOTO, Mônica Ferreira. A inclusão do aluno com autismo na educação infantil: desafios e possibilidades. **Cadernos da Pedagogia**, v. 13, 3 n. 26, p. 31-45, out. /dez., 2019. Disponível em: <https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1289/473>. Acesso em: 27 jun. 2024.

REIS, Rafaela dos Santos. **Brincar, crescer e desenvolver**: a brincadeira nos contextos familiar, escolar e terapêutico de crianças autistas. Santarém/PA, 2019.

SAAD, Amanda Pereira Risso; BASTOS, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira. “Explorando a dinâmica familiar de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma análise dos eventos cotidianos e experiências maternas”: **Revista Educação Especial**, janeiro de 2024, p. e4/1-29. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X84906>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SAMPAIO, Rf; MANCINI, Mc. Estudos de Revisão Sistemática: Um Guia Para Síntese Criteriosa Da Evidência Científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, vol. 11, nº 1, fevereiro de 2007, p. 83–89. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-35552007000100013>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SANTOS, Amobrizina Aparecida Del’Isola, et al. “O Olhar Da Família E Da Escola Para A Criança Com Transtorno Do Espectro Autista - Tea”. **Revista Liberum accessum**, vol. 2, nº 2, maio de 2020, p. 1–15. Disponível em: <https://revista.liberumaccesum.com.br/index.php/RLA/article/view/31>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SANTOS, Rosivânia Carneiro, et al. “O papel da família durante o processo de inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista”. **Revista de Casos e Consultoria**, vol. 13, nº 1, novembro de 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/casoseconsultoria/article/view/30413>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SANTOS, Yara da Silva, et al. “Identificação e Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos Primeiros Anos Escolares: Uma Revisão da Literatura”. **Revista de psicologia**, vol. 17, nº 68, outubro de 2023, p. 412–29. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/online.v17i68.3858>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SILVA, Erica Dantas da; MILAN, Davi. O PAPEL DO PROFESSOR NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: uma análise dos desafios e das possibilidades. **Revista Educação Especial em Debate**, vol. 8, nº 16, novembro de 2023, p. 18–35. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/reed/article/view/42907>. Acesso em: 6 ago. 2024.

SILVESTRE, Christiane Cordeiro. **Interação escola-família no processo de ensino de crianças com transtorno do espectro autista (TEA) em tempos de pandemia**. Paraná, 2022.

SOARES, Alessandra Miranda Mendes. **Experiências das mulheres-mães de pessoas com deficiência**: da (in)visibilidade à participação social. João Pessoa-PB, 2018. 242 f.

VARGAS, Rosanita Moschini; SCHMIDT, Carlo. Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo. **Acta Scientiarum. Education**, vol. 39, nº 2, junho de 2017, p. 207–14. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v39i2.26423>. Acesso em: 6 ago. 2024.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.